

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA

1º DE AGOSTO

ANNO L. N. 2

PROPRIETARIOS: ZACARIAS SALCEDO & M. J. ESTRELLA

REDACTORES: DIVERSOS

Preços: por trimestre 27.000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-SE

SEMANALMENTE

1870

AMERICA

RIO-GRANDE, 1º DE AGOSTO DE 1870

PROSPECTO

Com tremulos passos, porém robustecida e guiada pelas crenças nobres de uma idéa engrandecida, apresenta-se hoje no caminho da imprensa a *America*. Despida de ouropes e de linguagem fluente e animada, ella vai, modestamente e com os andrajos da pobreza ataviada em busca de um infimo accento no grande e imponente banquete das letras.

Qual viandante e peregrino do Destino, elle cruzando todas as escabridades da terra, e elle-tambem supportando em lutta todas as adversidades, todos os rigores da sorte, só para alcançar um fim ou o apoio solido que chama-se opinião publica.

E o encontrará ?

E' o que não sabemos, nem nos cumpre responder n'este momento ; o futuro, e só o futuro, chave magnetica que abre e descortina os horisontes da vida descartando o pensamento humano, nol-o dirá !

Até lá, as idéas dos fundadores deste jornal, cheias de vida e vigor, labutarão n'esse oceano de trevas e abysmos, a que o desejo e mesmo a indifferença, chamam-lhe — incerteza ;

Até que um dia a infelicidade, com seu hediondo cortejo de misérias e mysterios, mostrando-lhes o marco final da existencia, ás faça parar e tornar ; — ou que a felicidade, mai do acaso, abrindo suas portas de par em par, lhes dê ingresso e mostre-lhe as glorificações que adornam seu immenso e luxuoso palacio.

Por isso a *America*, nada promette ; seus primeiros passos precisam de guia, suas acções e seus serviços de adeptos e protectores ; e fazendo timbre do sincero sentimento que suggere o pensamento á realidade, da gratidão — ella vai, primeiro delinear seus in-

certos passos, depois mais firme suas acções e serviços, que devem, como dissemos, ficar pendentes do juizo publico ou de seus protectores e adeptos.

Seu principio e seu fim será *litterario, noticioso e scientifico* ; e verá a luz da publicidade todas as segundas feiras.

Alheia completamente á politica e ás questões pessoais, a sua marcha no terreno das idéas, calmas, porém repletas de espinhos, será de paz e pela paz, de liberdade e de franqueza — como frança é a vida que leva a corça selvagem no deserto, — como livre e grande é o pensamento que nasce e aminha-se na consciencia, — e como de paz e crescimento é o gremio salutar da familia.

Jámais o cancro odioso da politica e da intriga, ao desenfiar sua horrorosa tormenta sobre o centro de uma côrte corrompida e ambiciosa ou leal e amiga do engrandecimento da nação : — lhe merecerá respeito, nem o albergue que a vio nascer se estremecerá de alegria ante o derrumbe dos magnificos palacios que serviam de morada a innumerados e altos funcionarios, porque tambem as mãos de seus obreiros com o coração torturado e a consciencia horrorisada a desviarão desse sitio de misérias, digno só de lastima e compaixão.

E' este o singelo prospecto da *America*.

Almeja a protecção publica, e chama collaboradores á sua redacção.

Antes porém, de concluir-mos com a missão do delineamento de sua marcha, saudamos com profundo respeito e veneração á toda a imprensa desta cidade, sem distincção de idéas ; e guiada pela amizade, a *America* timidamente lhes pede licença para albergar-se sob o mesmo tecto e sob esse mesmo manto recamado das perolas da intelligencia que tão alto já a eleva.

Z. SALCEDO.

MEMORIAL

Monge Negro. — E' este o titulo da novella original e historica, que em forma de livro publicamos nas ultimas paginas deste jornal.

Darmos uma idéa de toda a magnifica inspiração que precedeu ao distincto escriptor na concepção d'essa obra, é materia para nós ardua e improficua.

Ha scenas ali com tal naturalidade descriptas, que só o leitor pôde avaliar-as dar-lhes o merito que merecem ; pois só o sedento ao deparar com a fonte d'agua crystallina n'ella reverse e da-lhe o merecido valor, ao saciar a devoradora sede.

No caminho da vida, ha flores e espinhos, dores e privações ; e n'estes contratempos do caminhar ha o quer que seja de difficil descripção, tal é a variedade do pensamento ao entrever no infinito a fibra delicada que ferindo, qual certa setta arremessada por braço vigoroso e vista firma, o amago d'alma, — não permite ao escriptor, miserô mortal, tocar-a, quanto mais descartar-a ; esse dom é só um privilegio da Divindade !

Porém a Divindade, tem na terra como no céo, seus predilectos filhos.

E como não ?... se ha momentos na vida em que o escriptor como o poeta, esses cantores das variedades da natureza, são guiados por uma inspiração tao feliz, como bellas e magnificas são as flores que pela benéfica influencia do Creador matizam a terra ; e ás vezes triste como horrivel e caprichosas são as contrariedades do Destino !

A novella *Monge Negro*, que apresentamos á nossos leitores, deve ser uma destas tão felizes, como fortes são as inspirações que vem do céo acalentar e animar o espirito do escriptor !

As vinganças que o espirito mau e traucoeiro concebe em noites de intencavilão e executa-as aos primeiros alvares do dia sobre o infeliz mendigo

que perpassa hirtol de frio; e a voluptuosidade da mulher perdida fazendo de seus vícios alarde, como da sua decrepitude o anjo de suas consolações; os azares da guerra com seu cortejo de misérias; e a devastação, pelo incendio voraz, de preciosas campinas, onde outr'ora o feliz pastor ouvia o balar das ovelhas de seu rebanho, e o pacifico lavrador preparava a terra para a futura grandeza; as dôres, as lagrimas e o desespero dos opprimidos que por todos os lados encontravam encarniçados inimigos, calumniadores e carrascos; e a fome em toda a sua extensão obrigando, ao outr'ora feliz povo pela abundancia de seu paiz, a andar de roço pelo chão em busca dos desperdícios do mercado para seu sustento: aqui ha muito de horrivel, familias inteiras perecem, mais adiante a infeliz mãe aperta entre seus braços desfallecidos o moribundo innocente e todos morrem á mingua; e finalmente o prazer vandalico de uma sociedade corrompida e sem sentimentos humanos rindo-se sarcasticamente para as desgraças de seus infelizes semelhantes: formam nessa novella um verdadeiro ramalhete de espinhos e flores, que em todo o correr de sua narraçáo fôrma tambem tres partes; são ellas:

Primeira: *O condão de Malvar*; — segunda: *A fome de Madrid*; — terceira: *A vingança de um cadaver*.

Campe-nos por consequencia, chamar para essa secção toda a attenção de nossos leitores.

PELAS DUVIDAS. — A empreza d'este jornal, faz sciente á todas aquellas pessoas que não quizerem prestar-lhe a valiosa protecção que solicita, hujam de devolver a *America* ao estabelecimento do *Artista*, declarando porém o nome da pessoa que a devolve, afim de ser riscado da lista dos favorecedores d'esta nova empreza.

Recommendamos tambem ás mesmas pessoas o obsequio de não inutilisarem o jornal, escrevendo seus nomes sobre elle; isto deveu fazel-o sobre a circular que o acompanhára.

POESIA. — A que em seguida publicamos é transcripta da *Imprensa Academica*, de S. Paulo:

A NOIVA

Ell-a que no templo se encanilha tremula,
Candida e pura despargindo odor,
Bella, tão bella que não tem por enula
Nos céos — estrella — nem na terra — flor.

Arf-un-lhe os seios, e o pulso virgineo,
Lhe incende as faces sob o casto véo:
Seu labio trema seductor, carnalivo,
Mysticas fallas dirigido ao céo (?)

Da virgindade' o da belleza a c'roa
A frente cing'-lhe... Mas, virgo, a ti,
Que dor occulta, que pesar magoa?
Porque vaces triste quando Deos surri?

Quas tuas magoas? porque embevecida
Os olhos levas a fitar o chão?
Pensas nos sonhos da encantada vida
Que deixas hoje e não voltarão?

Pensas que pódem macular-te beijos
Puros do noivo que jmrrou-te amor,
E queres — louca — suffocar desejos,
E affectos santos do mais puro ardor?!

Crês por ventura que Deos seja triste.
Que amor é crime, que é paixão fatal?
Oh! não te illudas, pois ninguém existe
Por sobre a terra para ser vestal.

Segue; não penses; vao ás aras santas
A virgindade ao teu amor sagrar.
Se amor te enleva, se no amor te'cena'nta,
Pódes na terra a felicidade achar.

Goza da vida cujo encanto passa
Co'a mocidade que voloz se vao,
Qual rosea nuvem que no ar se espaça
E em breve instante perde a côr, se esvae.

Troca teus sonhos pelo estremo gosto,
Pelos prazeres que ora vaces fruir...
Pudor virgineo cubrirá teu roto,
Porque sua alma não se vace polluir.

Não queiras, virgem, desfolhar no tumulto
Duplica c'roa com que Deos te criou,
Quando ella dá-te da ventura o cumulo
Fazendo-te anjo... tua mãe amou.

Não creias, nunca, nesse amor predicto
Que idéa o poeta no viver de além.
O amor da terra, que é por Deos benedito,
E' sempre o mesmo, não tem fim tambem.

Não! não pretendas abafar no seio
Fervido anhelio do prazer de amor,
Se não definhas em fatal ancio,
Porque elle arroja-te em voraz torpor.

Segue, não pares; vao ás aras santas
A virgindade ao teu amor sagrar,
C'o affecto puro com que tu te encantas
lias de na terra a felicidade achar.

Coelho de Moraes.

VARIEDADE

AO CREPUSCULO.

Queres, Julia, conversar comigo ao crepusculo? e n'esse doce extasis que a virgem sente n'essa hora saudosa, relembrar as scenas do nosso passado.

Queres? porque fitas com o teu olhar tão languê a extrema do horizonte?

Pretendes por acaso decifrar mysterios que vão de involta com as brisas, que perpassam pela fronte das cordilheiras?

Que suave melancolia te prende neste momento!

Porque palpita com tanta anciiedade o teu coração de moça?

Oh sei! — o teu vago scismar se traduz pelas saudades dos tempos já pas-

sados, enchuga porém a lagrima que se desprende de tuas pupillas negras, — a saudade e a dôr foram os poemas da Redempção!

Ouve-me:

As aves correm pressurosas em busca do descanso, o zephíro derrama pela amplidão o perfume da baunilha e do vergel se ostenta magestoso em frente da natureza.

O dia vae findar, e a hora solemne do crepusculo, o anciao e o moço repetem, com os olhos presos na primeira estrella que desponta no firmamento a oração perenne dos bemaventurados.

Julia, oremos tambem.

A oração é o balsamo que purifica a alma, sempre arcando com as tempestades da vida.

Agora conversemos.

A primeira vez que nos vimos eramos bem creanças, — seria talvez impiedade se eu te pedisse uma recordação d'essa primeira idade; recordação que eu não tenho, posso apenas dizer-te que attrahimo-nos, e d'esse attractivo, nasceu o amor, que eu antes chamaria adoração.

Adoração, porque minh'alma p'rtodos os soffrimentos porque tem passado, nunca deixou de dar-te um canto; porque minha fronte de moço por mais abatida que tenha sido, nunca olvidou a tua imagem de santa, adoração porque sempre tive crença na solemnnidade dos nossos juramentos.

Bendicta sejas pois.

Não te venho pedir agora a confirmação sincera d'aquellas crenças de outr'ora, não te venho lembrar o amor de duas creanças innocentes, quero apenas entender ainda os mysterios que sempre occulta um coração de moça.

Mas porque não me ouves tom aquella attenção que sempre tiveste para mim?

Ter-se-ha por acaso desfeito-se o elo que nos unia; ou a ausencia foi o algóz que matou em teu coração o principio supremo de uma felicidade que eu tanto almejava!

Não creio, Julia, leio ainda na tua expressão saudosa o emblema da sinceridade.

Lembras-te, era uma hora igual a esta, trajavas um vestido branco e doze primaveras se annunciavam em tua fronte de menina.

Que poeta não te daria um canto? Eu dei-te a vida.

(Continúa.)

MONCE NEGRO

NOVELLA HISTÓRICA E ORIGINAL

POR

TORQUATO T. E MATHEOS

E VERTIDO DO HESPAÑOL

POR

ZACARIAS SALCEDO

PRIMEIRA PARTE O CONDE DE MALVAR

CAPÍTULO I

Auscimo o montañez

Armas, armas! Guerra, guerra!
(Comedia antiga)

Em uma tarde sombria e ao largo da costa de Janes, marchava um joven adornado com o traje do paiz: chapéu de aba larga cahido sobre a frente, cinjia-lhe o culete de panno côr de castanho um cinturão de couro, e calçado com sapatos abotinados que preservavam seus pés da aspereza do terreno,

No mão direita levava uma chupa de aguçada ponta e na esquerda um caracol da forma de uma bossina silvestre.

O joven montañez, de physionomia robusta, ainda que taciturno, deixava vagar os azues olhos, primeiro, pelas encrespadas ondas do Oceano que quebravam-se entre uma espuma verde; depois pelos penhascos que levantavam suas negras cabeças ornadas de excrescencias madreporas; e finalmente por cima das muralhas de um velho castello, para descobrir talvez a torre gothica de S. Acisclo de Pendueles.

Deteve-se por alguns instantes, para recolher acaso algum som que pudesse vir envolto entre as lufadas do vento; mas como nada ouvisse nem distinguisse continuou sua marcha até o cume d'um gigantesco penhasco que avancava sobre o mar, como esses monumentos celticos que parecem meios derrubados pela mão dos seculos.

Uma vez naquella elevação deixou a chupa no chão e sentou-se immediato ao abysmo com a seguridade das aguias e dos abutres.

Facilmente podia distinguir-se toda a comarca desde aquelle ponto.

Pela frente tinha o Oceano, barreira infinita perdida n'aquello momento entre os vapores da marejada, á sua retaguarda elevava-se um castello feudal com suas alamedas pontiagudas, suas janellas cobertas de espessas grades, e seus torresões redondos, como todas aquellas fortificações que datam do seculo XV, enquanto em termo mais longe via-

se uma preciosa campina, em cujo centro se elevava a povoação de S. Acisclo que anteriormente temos nomeado.

O céu semendo de negras nuvens, dava aquelle quadro tão bello e romantico côres sinistras e algum tanto lugubres a excepção de algumas paragens, onde um raio do sol côr de cobre feria os rochedos como se estivessem calcinados pelo fogo de um vulcão.

Acostumado estaria o solitario joven á contemplação de tão linda paisagem, pois seus olhos fixavam-se na antiga fortaleza como se esperasse alguma cousa d'aquella parte.

D'esta forma decorreu uma hora.

O horizonte ia ennegrecendo-se cada vez mais, o mar rugia mais prolongadamente e o vento era cada vez mais pesado e suffocante.

Muito brama o *Duñon* de S. Yuste, murmurou o montañez, fixando sua penetrante vista no fundo do penhasco em cujo cume elle achava-se. Sem duvida nos esmagava uma tempestade.

A observação do joven era exactissima.

Chamavam no paiz *Duñon* de S. Yuste ao elevado Rochedo em que elle se achava, o qual era cheio de respiradouros em consequencia do eterno embate das vagas, produzindo extranhos rumores que não deixavam de assustar as pessoas singelas.

Quando estes rumores submarinos dilatavam-se como um echo alarmante pelos silvestres concavos da costa, era signal evidente da zanga dos céos e do embravecimento do Oceano.

O nome de S. Yuste tomava-o do immediato castello.

Apezar de sua observação o Montañez permaneceu immovel, n'aquelle sitio tão perigoso, explorando todas as suas avenidas.

A luz do dia ia-se amortecendo, signal de que o sol acabava de desaparecer, quando viu-se uma mulher que avancava por uma das vertentes do penhasco.

O joven levantou-se á recebel-a.

Era uma menina vestida com o pitoresco traje das asturianas, de uma belleza alguma tanto severa, porém, pura e correcta, como a dessas mulheres biblicas pintadas por Tintoretto, de vista penetrante e rosto graciosamente matizado de uma cor de roman, fresco como o orvalho das flores.

— Anselmo! exclamou ella estendendo sua mão.

— Tula! respondeu o montanhez com certo tom de reconvenção. Que vens fazer n'este sitio?

— Venho buscar-te.

— N'este caso subamos ao alto e assentemo-nos, replicou Anselmo.

Este tomou a mão que lhe apresentava a joven e chegaram ao cume do *Bufon de S. Yuste*.

— Temo de estar aqui, disse Tula depois de haver-se sentado ao lado do montanhez e de haver recorrido com sua vista a negra superficie do mar; parece que estremece-se este penhasco aos embates das vagas e que de um momento á outro vamos cair n'esse abysmo.

Anselmo desprendeu de seus labios um ligeiro sorriso.

— Estamos seguros, querida Tula, respondeu; nada existe aqui que possa assustar-te.

— Seja o que tá quizeres. Amo-te muito para que possa contradizer-te, replicou ella suspirando.

O joven posou a mão por sua fronte, como para fazer-se superior a esses sentimentos d'alma que dominando nossas faculdades principiam por fazer esquecer-nos a propria existencia.

— Sei que me amas respondeu Anselmo, esse amor que nos une desde a meninice é sem duvida o que te trouxe á este sitio.

E' verdade, para que negal-o? Ha algum tempo a esta parte, tenho observado em ti uma transformação, não em tua alma nem em teu coração, mas em tuas acções que me hão sorprendido. Desde as torres do castello de S. Yuste tenho seguido teus passos, e já te vi subir pelas montanhas, já te tenho descoberto vogando em uma lancha para algumas das paragens da costa, já por ultimo tenho-te visto acompanhado de pessoas desconhecidas, dirigindo-te aos sitios mais solitarios de nossa commarca. O que quer dizer isto, Anselmo?

— A tenra reconvenção de Tula fez com que elle lançasse á joven, um olhar impregnado de gratidão e amor.

— Queres que te diga? perguntou o montanhez.

— Sim: desejo saber-o.

— Pois ouvi. Já sabes que o exercito francez estendeu-se por toda a Hespanha, depois dos terribes acontecimentos de 2 de Maio e do levantamento colossal de todas as provincias.

— A joven pôz-se pallida e mais bem do que com a bocca, respondeu com a cabeça:

— Sim.

— Espera-se á todo o momento, que uma grossa diviso de inimigos invada as Asturias, marche sobre Ovi-do e apodere-se d'esse ponto.

— Isso é certo?

— Sem duvida.

— Bem, prosegue, contestou-lhe Tula cada vez mais pallida.

— Tão logo como o primeiro francez pise nossas montanhas, continuou Anselmo enardecendo-se com a vingança patriótica que excitava seu coração.—se estremeceirão as Asturias, e se repetirá de roca em roca o som de alarma dado pelas bosinas dos montanhezes, e de torre em torre o toque dos sinos, para que todo o mundo: homens, mulheres e crianças, saiam á combater o inimigo commum.

Tula estremeceo-se, se bem que por momentos brillasse em seus olhos um rai de enthusiasmo que foi engrandecer a alma e coração de seu amante.

— E esperas, disse esta pausadamente, que se o signal para reproduzill-o?

— Sim.

— N'este caso nada tenho que perguntar-te.

Houve um largo silencio em que nenhum d'aquelles dois seres se occuparam senão de olhar-se.

A joven disse por ultimo:

— Pensava em uma cousa, Anselmo.

— Em que? perguntou este.

— Que farás logo que entrein os francezes em nosso paiz?

— (Guerrilheiro.

A joven tornou a pôr-se pallida como o alabastro.

— Guerrilheiro! exclamou, contendo os choques de seu coração. Isto é, abandonarás o castello de S. Yuste!

— Sim.

— O serviço do Sr. barão!

— Eu não posso abandonar ao Sr. barão.

— Então, não comprehendo.

— Tula, não me facas mais perguntas.

— Isso significa que o abandonarás.

— Bem, o abandonarei.

— Então, proseguio Tula, seguindo o curso de suas reflexões: separando-te do lar que deo-te o calor no inverno, da mesa que te ha alimentado, e do amo que tens, te separarás de mim; e separando-te de mim, esquecerás nosso amor.

Anselmo ao ouvir esse tom angustioso da joven, ao vêr seus olhos banhados pelas lagrimas, a estreito sobre seu coração e em um momento de arrebatado, respondeu:

— Nem eu posso separar-me deste lugar, nem desse amo, e muito menos poderei esquecer-te, minha Tula.

— Ha palavras tão verdadeiras, que não necessitam de comentarios para que convençam.

Desde aquelle momento a joven não temeu aos francezes e muito menos ao futuro; tão ditosa considerava-se sobre aquelle rochedo como uma rainha pôde considerar-se sobre seu throno.

Pôz-se de pé, e disse:

— Retiro-me.

— Avisinha-se á noute, e não quero que regreses sózinha ao castello, acompanharte-hei.

— Aceito teu offerecimento; porém las de entrar em S. Yuste.

— Não, porque penso dirigir-me á casa do Sr. de Montalvan.

— Oh! não vás lá á noute.

— Porque?